

MÁRCIO MOREIRA ALVES

Fim de festa

20 JAN 1995

Fim de festa é isso mesmo. O chão fica coberto de lixo, os mais animados ainda arriscam um último tango, os que beberam demais falam coisas desconexas ou dormem pelos cantos e a turma da limpeza já se prepara para o trabalho. Encerraram-se ontem, nesse clima, os trabalhos da 49ª Legislatura do parlamento brasileiro.

Os congressistas aprovaram o aumento do salário mínimo para R\$ 100, como compensação ao aumento que se concederam de mais de cinco mil. Foram informados da conversa que Fernando Henrique tivera, pela manhã, com o vice-presidente Marco Maciel e o presidente do PFL, Jorge Bornhausen. O presidente declarara a sua disposição de vetar o aumento para impedir o agravamento do **deficit** da Previdência. Não foi preciso votação. O aumento passou por acordo de lideranças, o que significa não ter havido vozes discordantes. Traduzindo: *ou os líderes do PSDB e do PFL, partidos governistas, estavam dormindo, ou concordaram em colocar o seu presidente em uma si-nuca política. Ambas as hipóteses são verossímeis.*

A aprovação da anistia aos parlamentares que usaram indevidamente a gráfica do Senado, personificada em Humberto Lucena, não foi surpresa. Na sexta-feira, já dava como certa, logo na abertura dessas notas. Todavia, surpresas houve. O PC do B quebrou a unidade das esquerdas, votando a favor. O baiano Haroldo Lima justificou a posição lembrando a cassação dos deputados comunistas pelo governo Dutra. Os seus correligionários seriam o alvo

preferido das perseguições políticas e, portanto, recusavam-se a abrir um precedente. Sandra Cavalcanti despediu-se da Câmara dizendo só aceitar três tipos de cassação: a voluntária, pelo abandono da vila pública; a imposta pelo eleitorado, ao negar votos aos candidatos; e a votada por uma das casas do Congresso, contra um membro delinqüente. Cassação pela Justiça Eleitoral não admitia, por considerá-la intromissão do Judiciário nos negócios internos do Legislativo.

Para 262 deputados, ontem foi o último dia de Vossas Excelências. Alguns procuravam emprego, conversando com os colegas e oferecendo as suas especialidades. Outros faziam melancólicas despedidas, falando do trabalho realizado diante da absoluta indiferença dos demais.

Aluísio Mercadante voltou de 10 dias no México impressionado não apenas com a hecatombe do modelo econômico ultraliberal como, sobretudo, pelas suas consequências políticas. Acha que lá renasce o espírito distributivista e nacionalista latino-americano, que foi o do PRI da década de trinta.

No fim do dia, cruzaram-se os derrotados com os recém-eleitos. O secretário da Mesa do Senado, Júlio Campos, desistiu de sortear gabinetes, como prometera, alegando que a maioria dos novos já se arrumara com os antigos. Roberto Requião, que se recusara a barganhar um gabinete, promete a primeira briga da legislatura que se inaugura dia 1º. É dos tais que comem mel e cospem abelhas.